



**DACEC**

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,  
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 07/07/2017 a 13/07/2017

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**  
**Jaciele Moreira<sup>2</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

<sup>2</sup> Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ e aluna do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ e ADM – Administração UNIJUÍ

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)07/07
07/07/2017	9,96	328,50	32,78	5,15	3,82
10/07/2017	10,20	336,40	33,62	5,30	3,91
11/07/2017	10,25	336,80	33,73	5,35	3,92
12/07/2017	10,16	334,40	33,43	5,22	3,76
13/07/2017	9,72	316,80	33,01	4,95	3,61
<b>Média</b>	<b>10,06</b>	<b>330,58</b>	<b>33,31</b>	<b>5,19</b>	<b>3,80</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais\* (compra e venda)  
no mercado de lotes brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

<b>SOJA</b>	<b>Média</b>	<b>Var. % relação média anterior</b>
RS - Passo Fundo	69,95	2,94
RS - Santa Rosa	69,75	3,56
RS - Ijuí	69,75	3,56
PR - Cascavel	67,90	3,59
MT - Rondonópolis	64,00	1,91
MS - Ponta Porá	61,16	2,62
GO - Rio Verde (CIF)	64,70	4,02
BA - Barreiras (CIF)	66,30	4,57
<b>MILHO</b>		
Argentina (FOB)**	154,20	3,91
Paraguai (FOB)**	93,60	1,19
Paraguai (CIF)**	143,20	2,29
RS - Erechim	26,95	4,66
SC - Chapecó	26,40	2,92
PR - Cascavel	22,08	4,64
PR - Maringá	22,55	6,37
MT - Rondonópolis	16,60	4,08
MS - Dourados	18,80	4,74
SP - Mogiana	24,75	2,48
SP - Campinas (CIF)	27,45	2,31
GO - Goiânia	19,70	1,55
MG - Uberlândia	24,70	5,56
<b>TRIGO</b>		
RS - Carazinho	639,00	0,63
RS - Santa Rosa	622,00	3,67
PR - Maringá	693,00	2,44
PR - Cascavel	686,00	1,78

\*Período entre 07/07/2017 a 13/07/17

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. \*\* Preço

médio em US\$/tonelada. \*\*\* Em reais por tonelada

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 13/07/2017**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	22,27	64,32	32,04

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
13/07/2017**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	39,43
Feijão (saco 60 Kg)	140,00
Sorgo (saco 60 Kg)	ND
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,20
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,18
Boi gordo (Kg vivo)*	4,99

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND: Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER

## MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago se elevaram fortemente nas últimas duas semanas, com o bushel chegando a US\$ 10,25 no dia 11/07, contra apenas US\$ 9,04 no dia 23/06. Perspectivas de perdas de produtividade devido ao clima quente e seco no Meio Oeste dos EUA neste período levaram os especuladores a apostarem em altas consecutivas, com os fundos voltando à ponta compradora. Posteriormente, com o anúncio do relatório de oferta e demanda do USDA, realizado no dia 12/07, as cotações despencaram. Assim, o fechamento desta quinta-feira (13) ficou em US\$ 9,72/bushel para o primeiro mês cotado (ainda julho) e US\$ 9,75 para setembro, mês que assume a primeira posição a partir deste final de semana.

O mercado considerou o relatório neutro para a soja, porém, baixista para o milho e o trigo, fato que ajudou a puxar para baixo as cotações, Além disso, chuvas em algumas regiões produtoras estadunidenses teriam retirado parcialmente a força altista.

Quanto ao relatório, o mesmo apontou uma safra nos EUA em leve alta, com a estimativa ficando agora em 115,9 milhões de toneladas. Ainda julgamos que, em o clima normalizando, tal safra poderá ser bem maior já que a área semeada cresceu 7%. Todavia, o relatório reduziu os estoques finais nos EUA para o novo ano 2017/18, colocando os mesmos em 12,4 milhões de toneladas, com recuo de um milhão de toneladas em relação a junho. Com isso, o patamar de preços médios aos produtores estadunidenses, para este novo ano, ficou agora entre US\$ 8,40 e US\$ 10,40/bushel. Já a safra mundial foi levemente elevada para 345,1 milhões de toneladas em 2017/18, com estoques finais aumentados para 93,5 milhões de toneladas, ou seja, 1,3 milhão acima do indicado em junho. A produção da Argentina está projetada em 57 milhões de toneladas e a do Brasil em 107 milhões, lembrando que a safra brasileira que acaba de ser colhida teria chegado a 113,9 milhões de toneladas segundo o último levantamento da Conab. Enfim, as importações chinesas chegariam a 94 milhões de toneladas, contra 91 milhões em 2017/18.

Dito isso, as condições das lavouras estadunidenses voltaram a piorar, com as mesmas ficando em 62% entre boas a excelentes até o dia 09/07.

Ao mesmo tempo, a colheita da Argentina chegou ao seu final, com o volume atingindo, ainda extra-oficialmente, 57,5 milhões de toneladas.

Aqui no Brasil, o recuo do câmbio em boa parte da semana (nesta quinta-feira, 13/07, o mesmo estava em R\$ 3,21 por dólar), tirou um pouco os ganhos de Chicago, porém, os preços médios foram mais elevados do que os registrados na semana anterior. O balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 64,32/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 69,00 e R\$ 69,50/saco. Por sua vez, nas demais praças nacionais os lotes oscilaram entre R\$ 57,00/saco em Diamantino e Nova Xavantina (MT) e R\$ 71,50/saco em Campos Novos (SC), passando por R\$ 63,50 em Pedro Afonso (TO), R\$ 65,00 em Uruçuí (PI) e R\$ 69,50/saco em Pato Branco (PR).

A comercialização da atual safra de soja brasileira atingia a 67% em 07 de julho passado, contra 80% na média histórica para esta época do ano, sendo que o Rio Grande do Sul registrava vendas em 48%, contra 65% na média histórica; o Paraná

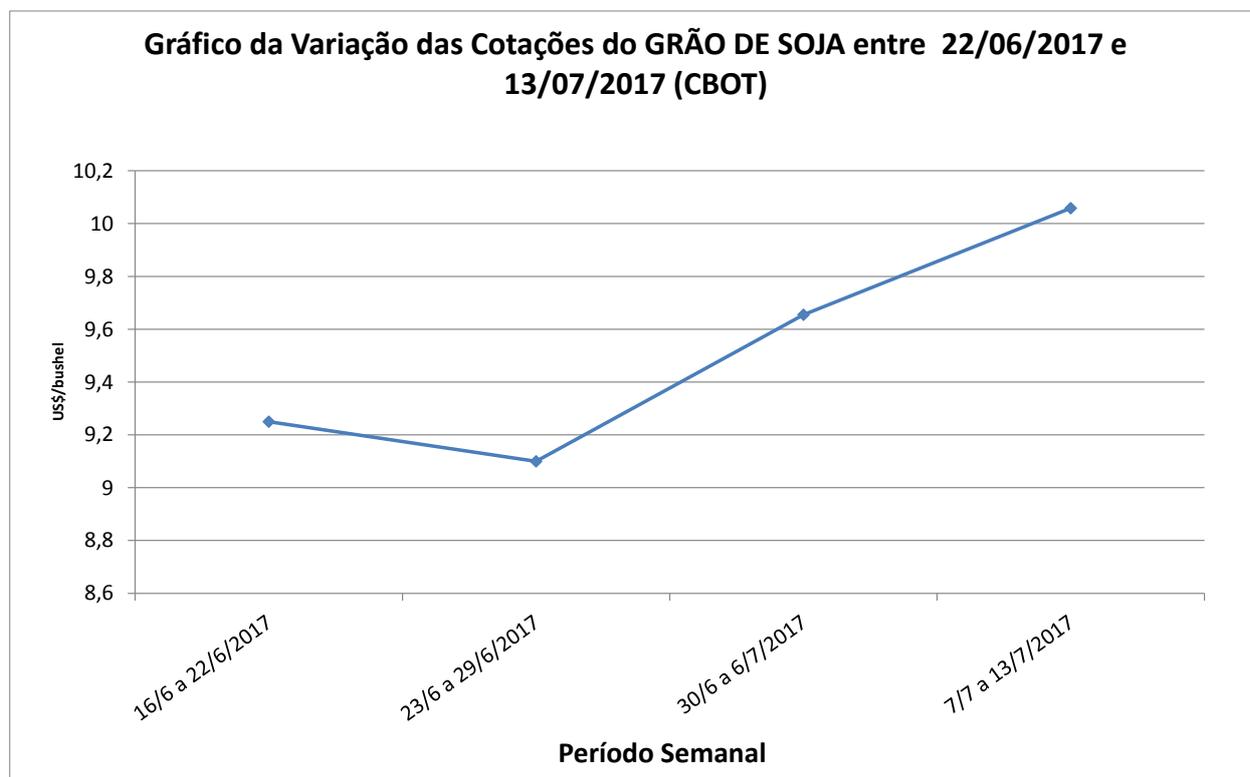
60%, contra 72% de média; o Mato Grosso 77%, contra 88%; Santa Catarina 44%, contra 67%; e Goiás com 78%, contra 89% de média (cf. Safras & Mercado).

Paralelamente, a Secex informou que no primeiro semestre de 2017 o Brasil exportou 44 milhões de toneladas de soja em grão, ou seja, uma alta de 14,1% sobre igual período do ano anterior. Deste total, 34,1 milhões de toneladas foram para a China, ou seja, 77,5%.

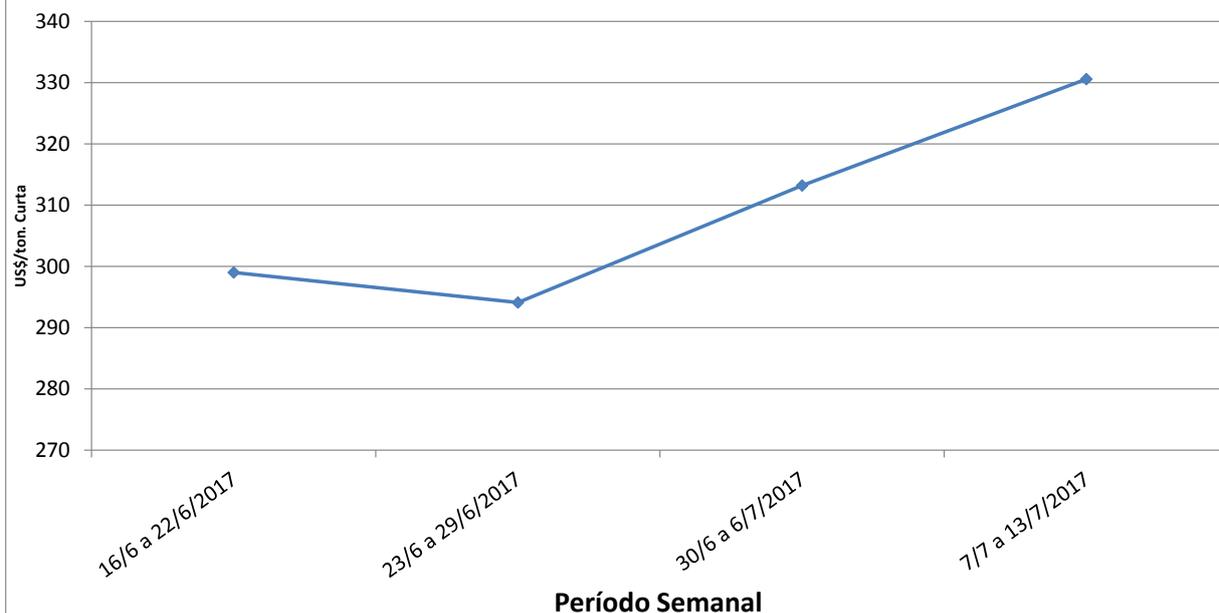
Destaque-se que esta nova janela de altas nos preços, nas últimas duas semanas, parece ter se fechado a partir deste dia 12/07. Porém, a mesma acelerou, em parte, as vendas de soja junto aos produtores brasileiros. Novas janelas poderão surgir até a colheita estadunidense se iniciar, em fins de setembro, fato que exige atenção de nossos produtores em busca da realização da melhor média final de comercialização possível.

O quadro de preços agora fica na dependência do clima nos EUA já que os acontecimentos político-econômicos no Brasil (aprovação da Reforma Previdenciária; condenação em primeira instância do ex-presidente Lula; intervenções do Banco Central brasileiro etc...) tendem a fortalecer o Real ou, pelo menos, mantê-lo na faixa entre R\$ 3,15 e R\$ 3,25.

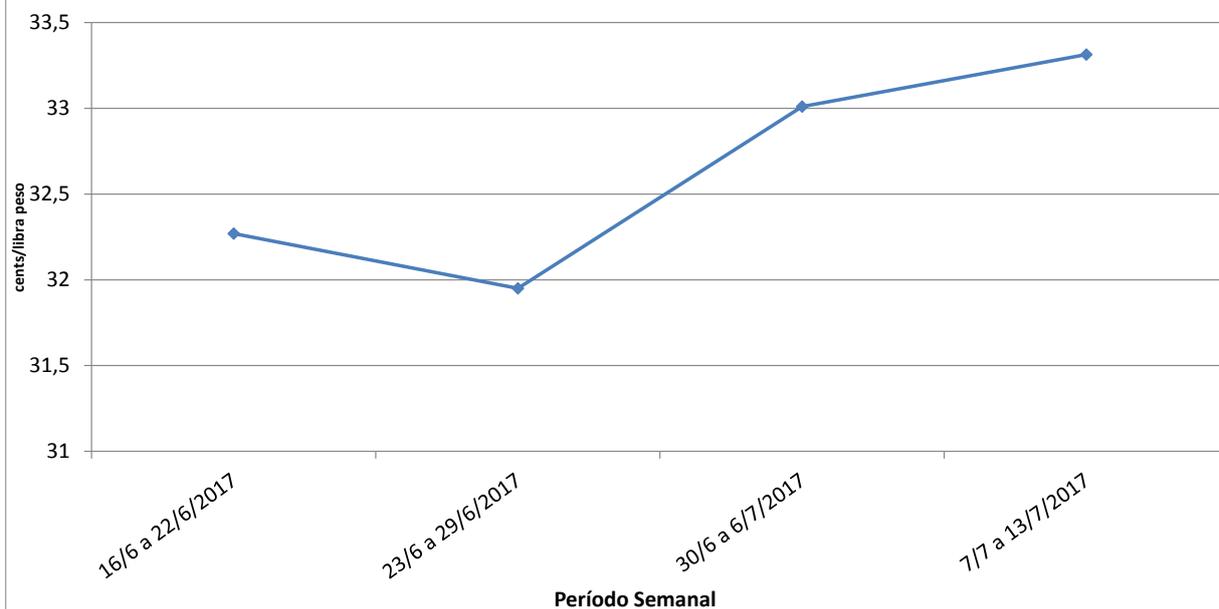
Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 22/06/2017 a 13/07/2017.



**Gráfico da Variação das Cotações do FARELO DE SOJA entre 22/06 e 13/07/2017 (CBOT)**



**Gráfico da Variação das Cotações do ÓLEO DE SOJA entre 22/06 e 13/07/2017 (CBOT)**



## MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago, após quase baterem em US\$ 4,00/bushel durante esta última semana, cederam no final da mesma sob efeito do relatório de oferta e demanda do USDA. O fechamento desta quinta-feira (13) ficou em US\$ 3,61/bushel, contra US\$ 3,92 dois dias antes e US\$ 3,80 uma semana antes.

O referido relatório acabou aumentando a projeção de produção estadunidense, mesmo com redução de 3% na área semeada e clima nem sempre favorável até o momento. Com isso, a produção de milho nos EUA está, agora, prevista em 362,2 milhões de toneladas para esta safra, enquanto os estoques finais para o ano 2017/18 somam 59,1 milhões de toneladas. O patamar de preços médios aos produtores estadunidenses ficou entre US\$ 2,90 e US\$ 3,70/bushel. Ao mesmo tempo, a produção mundial de milho foi aumentada para 1,04 bilhão de toneladas, enquanto os estoques finais mundiais para este novo ano comercial ficam em 200,8 milhões de toneladas. A produção argentina está projetada em 40 milhões, com exportações de 28,5 milhões de toneladas, enquanto a brasileira está em 95 milhões de toneladas e exportações de 34 milhões.

Portanto, salvo maiores problemas climáticos daqui em diante, a oferta de milho é enorme e não deve permitir grandes alterações para cima nas cotações. Dito isso, o mercado considera que o relatório de oferta e demanda de agosto próximo será efetivamente aquele que irá considerar as perdas climáticas nos EUA. Com isso, alguns analistas creem que os volumes poderão vir menores do que os anunciados agora em julho.

Afora isso, a semana vivenciou ainda um clima quente e seco no Meio Oeste estadunidense, porém, surgiram informações de que o regime de chuvas tende a se normalizar a partir do dia 21/07. Se isso vier a se confirmar, a partir dos números baixistas do relatório deste dia 12/07, o quadro baixista nos preços de Chicago deverá ser retomado paulatinamente, consolidando o movimento iniciado nos últimos dias desta semana.

Por enquanto, as condições das lavouras estadunidenses pioraram e até o dia 09/07 as mesmas atingiam a 65% entre boas a excelentes, sendo que 19% estavam em fase de polinização.

No geral, assim como no caso da soja, é o quadro climático preocupante, no momento, que sustenta as cotações do cereal milho. Todavia, a volatilidade é enorme e a qualquer momento o quadro de mercado pode mudar. Aliás, se não fossem as especulações sobre o clima nos EUA Chicago não teria subido nestas últimas semanas e, até, poderia ter recuado mais em relação aos baixos valores vistos até o dia 23/06.

Na Argentina e no Paraguai, a tonelada FOB ficou em US\$ 155,00 e US\$ 95,00 respectivamente.

No Brasil, os preços pouco se modificaram. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 22,27/saco, enquanto os lotes oscilaram ao redor de R\$ 26,50/saco. Nas demais praças nacionais os lotes giraram entre R\$ 13,50/saco em Sorriso e Campo Novo do Parecis (MT) e R\$ 27,00/saco em Concórdia (SC).

Diante das fortes oscilações em Chicago e da revalorização do Real perante o dólar muitos exportadores estiveram fora do mercado na semana. Em Goiás houve indicação de negócios junto aos produtores entre R\$ 17,00 e R\$ 17,50/saco para agosto e setembro. O sorgo ficou entre R\$ 14,50 e R\$ 15,00/saco naquele Estado.

Independentemente do comportamento dos preços externos, o fato é que o Brasil precisa, para melhorar seus preços internos, exportar pelo menos 35 milhões de toneladas de milho neste ano comercial que finda em 31/01/2018. Ora, por enquanto, tais vendas estão fracas, pois diante de uma necessidade de exportar mensalmente entre 5 a 6 milhões de toneladas, o país indica vendas de apenas 440.000 toneladas até o momento, para julho, enquanto os portos apontam 700.000 toneladas e haveria fila de navios para embarcar 3,7 milhões de toneladas.

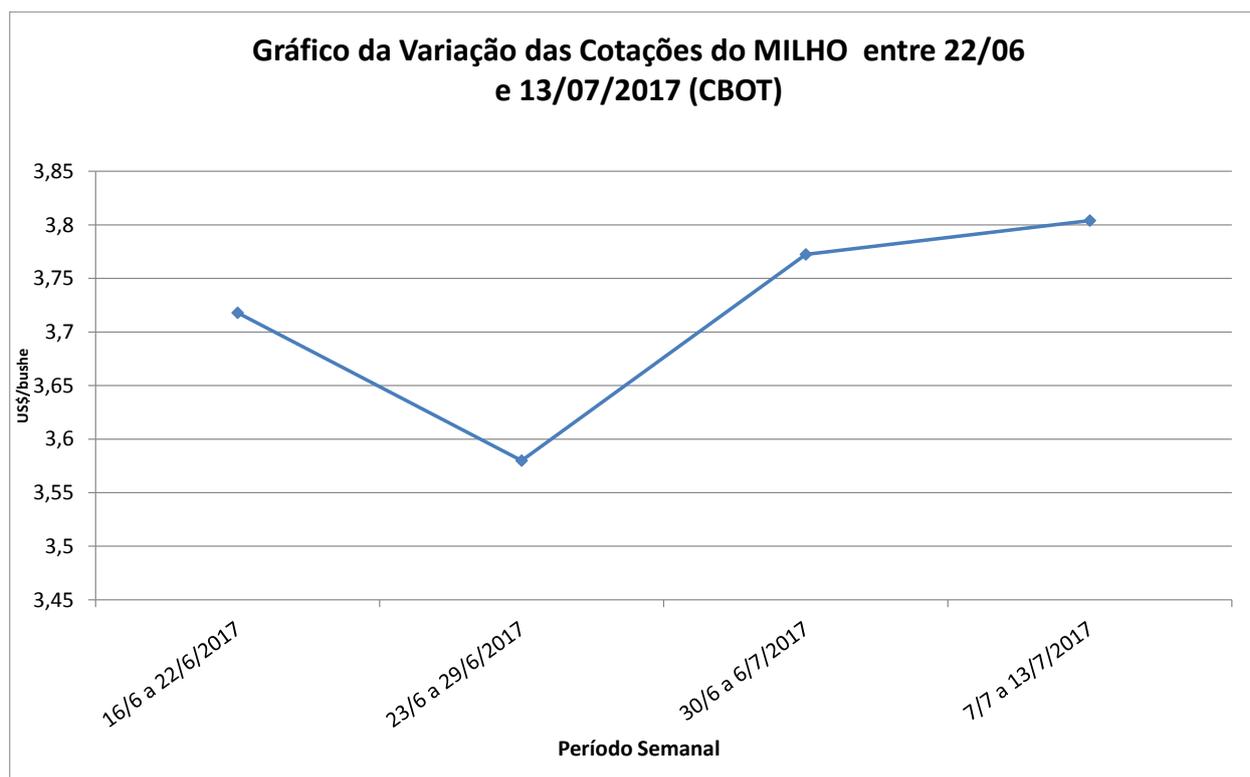
O fato é que o comportamento exportador, associado ao consumo interno de milho, não indica recuperação de preços do cereal no país diante da enorme safrinha que vem sendo colhida, agora revista para cima, devendo chegar a mais de 66 milhões de toneladas. Isso elevaria a produção nacional de milho, em sua totalidade neste ano, para 96 milhões de toneladas. A colheita da safrinha, no Centro-Sul brasileiro chegava a 23,5% da área até o dia 07 de julho.

Claro que o clima nos EUA pode gerar algumas conturbações no mercado interno, além das questões políticas nacionais. Todavia, a aprovação da reforma trabalhista e a condenação do ex-presidente Lula, mesmo que em primeira instância, reforçaram o Real no final da semana e deixaram o mercado menos tenso.

Com isso, os preços no porto de Santos voltaram à casa dos R\$ 28,50/saco, não oferecendo nenhuma sustentação aos valores pagos aos produtores paulistas em especial, às voltas com a colheita da safrinha.

Enfim, diante deste quadro difícil, a Conab realizou novo leilão neste dia 13/07, ofertando Pepro pela venda e escoamento de 880.000 toneladas de milho em grão, safras 2016/17 e 2017, a produtores do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal. Já o leilão de Pep foi para escoar 320.000 toneladas do cereal nos mesmos Estados.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 22/06/2017 a 13/07/2017.



## MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago acabaram despencando igualmente no final desta semana, após o anúncio do relatório de oferta e demanda do USDA. O bushel do cereal fechou a quinta-feira (13) em US\$ 4,95, contra US\$ 5,35 dois dias antes e US\$ 5,19 uma semana antes.

O relatório do dia 12/07 acabou indicando uma safra estadunidense de 47,9 milhões de toneladas e estoques finais para 2017/18 em 25,5 milhões. Diante dos problemas climáticos existentes nas Planícies produtoras dos EUA, o mercado esperava volumes menores do que estes. Com isso, o patamar médio de preços do trigo aos produtores dos EUA ficou entre US\$ 4,40 e US\$ 5,20/bushel. O mesmo é melhor do que os registrados nos meses anteriores, porém, abaixo das expectativas do mercado. Em termos mundiais, a safra de trigo deverá consolidar um volume de 737,8 milhões de toneladas, com pequena redução em relação a junho, enquanto os estoques finais para 2017/18 estão, agora, projetados em 260,6 milhões de toneladas. A produção e exportação da Argentina estão calculadas em 17,5 e 11,5 milhões de toneladas, enquanto a produção brasileira ficaria em 5,6 milhões e as importações em 7 milhões de toneladas.

Dito isso, até o dia 09/07 as condições das lavouras estadunidenses estavam com 35% entre boas a excelentes, 26% regulares e 39% entre ruins a muito ruins, tendo piorado em relação a semana anterior.

Por sua vez, no Mercosul a tonelada FOB para exportação oscilou entre US\$ 180,00 e US\$ 210,00.

Já no Brasil, o mercado do trigo seguiu com pouco volume de negócios. Com a possibilidade de os preços internos melhorarem, na esteira das altas em Chicago, os produtores brasileiros recuaram no início da semana. Ao mesmo tempo, os compradores não possuem necessidade de compras imediatas.

Antes do forte recuo em Chicago, pós-relatório de oferta e demanda do USDA deste dia 12/07, pela paridade de importação, um moinho paulista pagaria o trigo duro dos EUA a US\$ 278,00/tonelada FOB Golfo do México. O mesmo chegaria no moinho a US\$ 390,00/tonelada. Já o produto argentino, partindo de US\$ 200,00 FOB porto argentino, chegaria posto moinho paulista a US\$ 285,00/tonelada. Essa alta diferença tenderia a ser corrigida, com o preço argentino subindo. Porém, o forte recuo em Chicago neste final de semana pode atrapalhar o movimento caso ele perdure.

Dito isso, os preços do trigo nacional se mantiveram firmes, com o saco de 60 quilos, no balcão gaúcho, batendo em R\$ 32,04 na média semanal. Os lotes oscilaram entre R\$ 38,40 e R\$ 39,00/saco, enquanto no Paraná os mesmos ficaram em R\$ 42,00/saco em termos médios. Em relação ao mês de junho os ganhos médios no Paraná são de 7,7% e no Rio Grande do Sul de 7,5%.

Por outro lado, as importações continuam. No acumulado dos 11 meses do atual ano comercial 2016/17 foram importadas 6,58 milhões de toneladas de trigo, sendo este o maior volume da história nacional para o período. A principal origem é a Argentina com 4,2 milhões de toneladas, seguida pelos Estados Unidos com 1,2 milhão de toneladas, Paraguai com 693.000 toneladas e Uruguai com 307.500 toneladas (cf. Safras & Mercado).

O forte recuo em Chicago no final de semana, acompanhado de forte valorização do Real, freou ainda mais o mercado. Mesmo com redução na produção dos EUA para este próximo ano, os estoques mundiais são elevados e não permitem, por enquanto, longas disparadas de preços. Ou seja, por enquanto, as oscilações são pontuais no cenário internacional. E se o câmbio no Brasil voltar a se situar abaixo de R\$ 3,20 ficará difícil aumentos mais expressivos nos preços internos, apesar da melhoria já observada nas últimas semanas. Afinal, já existe pouco trigo disponível no mercado brasileiro e mesmo do Mercosul. A questão agora passa a ser a próxima colheita que, por aqui, se inicia em setembro via o Paraná.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 22/06/2017 a 13/07/2017.

**Gráfico da Variação das Cotações do TRIGO entre 22/06 e 13/07/2017 (CBOT)**

